

ShamSol, Haroldino

Michel Sleiman

Desde o início, meu encontro com Haroldo de Campos pautou-se no interesse mútuo pelas questões próprias da poesia semítica e a ela relacionadas. Apresentei-me ao poeta em janeiro de 1990, no sobrado da Monte Alegre, com os rascunhos da minha tradução do penúltimo capítulo do Cântico dos Cânticos, feita a partir da versão árabe de 1909, por sua vez tradução bastante razoável de original grego. Na época HC tinha acabado de traduzir o Eclesiastes (*Qohélet, O-Que-Sabe*, 1990) e já começara a empresa de verter ao português a íntegra do Cântico, publicado por excertos e hoje finalmente reunido e incluso no *Éden, um tríptico bíblico* (2004: 113-138). A idéia em confrontar nossos textos era aquilatar realizações distintas para um mesmo poema, originadas a partir de configurações igualmente distintas —a hebraica e a árabe— de uma espécie de poema virtual cuja origem ancestre se perdia na linha do tempo. Partíamos dessa premissa: embora a conhecida cristalização hebraica legitime o poema enquanto tal dentro do legado hebraico-judeu maior, o Cântico, tanto na versão hebraica, como na tradução grega ou latina, deixa entrever outras realizações de linguagem, pálidas às vezes, mas não por isso menos significativas, dentre as quais o tinte árabe (fenício, caldaico) parecia plausível. Algo similar se dá com as medievais *Mil e uma noites*, que não borram de todo as marcas das versões anteriores, muito embora a fidedignidade do relato —tal qual o conhecemos— ao condicionamento árabe-islâmico das épocas em que foi escrito. De mais a mais, se é verdade que os poemas de nosso tempo resultam de confluências têmporo-espaciais múltiplas, não o é menos com relação aos antigos, especialmente no caso do árabe e do hebraico e suas respectivas e peculiares literaturas... se seus códigos não são afins na totalidade, aparentam-se, espiam-se, mais do que poderia sugerir o olhar míope ou apressado.

Anos mais tarde, à medida que eu avançava na transcrição de zejéis do andalusino Ibn-Quzmân, HC alternava a tradução de trechos bíblicos com a íntegra da *Ilíada*, que acabou publicada em 2001 e 2002. Víamo-nos pouco; às vezes com intervalo de anos, quando então se desenhou no último ano de vida do poeta o ensejo de traduzir algumas suras do Alcorão: ele a partir de traduções; e eu, do árabe. Nos poucos encontros que tivemos (o último já no hospital), lia para ele o texto árabe seguido da tradução, de versículo em versículo, ou por bloco, no caso de suras longas. Eram inevitáveis as interrupções da leitura: para apontar a coincidência fônica entre termos árabes e hebraicos, para marcar a semelhança da locução e, caso muitíssimo mais freqüente, para sublinhar a diferença radical entre os dois códigos no que se refere a seus respectivos sistemas lingüístico, poético e profético. De modo que HC tinha consciência da singularidade do Alcorão e do sistema retórico nele implícito, podendo diferenciar razoavelmente bem o que na tradução era do árabe e o que era da língua de chegada, muito embora o poeta ter buscado tal inflexão do idioma semita a partir do hebraico e do complexo de línguas em que se serviu para aceder ao acervo árabe: o francês, o alemão, o inglês, o espanhol etc. O interesse pela poesia dos árabes, incluída a de feição profética que HC entendia como marca consubstancial da cultura semítica como um todo, levou-o a cercar-se de múltiplos instrumentos facultadores da compreensão daquela cultura: dicionários, manuais lingüísticos, fitas cassetes, estudos generalizados sobre os antigos e os contemporâneos, especialmente da literatura — e em particular a poesia —, que ele conheceu através da pluma de um C. Middleton, A. Arberry, F. Corriente, dentre outros.

A “incurção transcorânica” de HC, como o poeta se referia ao seu acercamento do Alcorão (vide fax anexo), pressupunha uma viagem ao tempo recuado dos egípcios e hebreus. De fato, não estava fora de suas prospecções a poesia dos antigos egípcios, da qual também nos deu algumas versões (ainda inéditas). No seu entender, certo, a palavra de Allah ao seu mensageiro Muhammad advinha de outros saaras além do *hijázico* a oeste da Península Árábica. O Livro dos muçulmanos não está livre dos mitos de faraó, nem de influxos do helenismo, o que é de algum modo atestado no imaginário árabe medieval, profundamente impregnado, por exemplo, pelo signo vitorioso, e algo fantasmagórico, de Alexandre o Grande, a ostentar, “bicornes” (*dū-alqarnayn*), o troféu até então único da conquista de Oriente e Ocidente. Tais incurções de HC,

no entanto, circunscvem-se nos termos de um exercício que é “abordagem” especificamente “trans-luso-brasileira-corânica” (vide fax) válida para determinados signos do Livro de Allah convertidos em outros tantos do nosso idioma conforme certa concepção de poesia e de tradução de poesia, hoje bem conhecida nossa. A língua luso-brasileira lê a árabe através do francês e do inglês... mas, incursão, tal leitura deixa-se guiar por um conhecimento do campo árabe construído, por intuição e dedução, com base em experiências paralelas e mais sólidas do poeta, a saber, a sua lide com os Livros de Elohim, que levava aproximadamente duas décadas.

“Turgimão não-juramentado”, o bem-humorado poeta olha o texto de Allah com a simpatia e a generosidade do amante da palavra posta a serviço da arte: “beleza pura”, que a Allah certamente agrada: “Deus é belo e ama a beleza”, deixou dito o Profeta. A simpatia de HC leva-o ao desafio, e a generosidade, à persistência. Sua mais feliz incursão transcorânica é a que empreendeu na tradução da Sura do Sol, capítulo XCI do Alcorão, que eu denomino ShamSol, em nova conjugação interlíngüe do astro-rei. A versão original me foi enviada por fax, no dia 22 de maio de 2003. Em seguida, trabalhei nela, ajustando a apresentação tipográfica e espacial, com base no que o poeta propunha, surpreso em descobrir que “o Alcorão presta-se à poesia tanto ou mais que a Bíblia... é vitamina pura”, segundo o que me participou mais ou menos com essas palavras. O fascínio foi traduzido por perfeito paralelismo debuxado pelo poeta ao longo de seu texto, a assentar, cada qual no devido lugar, os sujeitos e referências aludidos na sura árabe: Deus, Suas criações, Seu enviado, os feitos e efeitos que protagonizam as coisas e seres criados e as relações do Enviado com os humanos bons e maus. HC traduziu a arquitetura implícita dessa sura em colunas que sugerem a cosmogonia de Deus-Allah em termos de uma escala descendente, representada, em ShamSol, da esquerda para a direita, na seguinte ordem: Deus, profeta, mundo, criaturas. Nas extremidades de tal esquema figuram os nomes e signos divinos (*'āyāt*) e, no meio, a coluna densa das ações e atributos, onde a vida terrena tem hora e vez e onde se enlaçam as paixões humanas com as forças e desígnios de Deus. O cosmos geométrico da sura podia finalmente ser exposto na página... proposição do poeta, que transforma o amálgama de idéias profundas do Alcorão em filigranas —de cores e tamanhos distintos— perceptíveis ao olho, à razão e ao ouvido. Por fim, o poeta propõe um modo particular de sensibilizar os sentidos ocultos do Alcorão, uma espécie de

conversão do *bāṭin*, palavra esotérica, em *zāhir*, palavra exotérica, segundo conhecida formulação do discurso profético-religioso (vide meu comentário na carta anexa). O recurso não olhou só as traduções francesa e inglesa, como também buscou a explicação, geralmente posta em notas de rodapé, transpondo-a para o discurso próprio do texto, como que a prescindir do famoso aparato das notas exegeticas. Dito de outro modo, *ShamSol* existe por si; é um ícone da língua brasilica a aglutinar a dicção árabe, tida não-raro por estranha, inacessível e pouco afinada com a nossa identidade. Se tal horizonte justifica a necessidade da tradução, o poema traduzido é horizonte vencido.

SHAMSOL

SOL	شس
SOLSOL	شس شس
SOL	شس
	شمسول

	pelo sol	e seu meio-dia de fogos coruscantes	
	pela lua	que o segue qual ancila	
	pelo dia	que manifesta o quanto ele radia	
	pela noite	que obnubila o brilho de sua fronte	
	pelo céu	e Quem o arquitetou	
	pela terra	e Quem a faz distender-se	
	pela alma	e Quem lhe deu a perfeição	
Aquele		que lhe atribuiu o pendor para o bem e para o mal	
		o que a soube guardar pura goza de multiventura	este
		o que a enegrece já descambou no mal	este
		os proclives ao crime renegam o vero	tamūdīn
		ao mais perverso dentre eles disse o	

Carta-email, emitida em 23 de maio de 2003.

Caro Poeta Haroldo de Campos:

A sua lusotransluminação shamsolar irradia da mais estreita senda do *Qur'ān*, luzindo-lhe signos cristaló-cúficos dos mais recônditos (*bāṭin*).

O corpo constelar de seu ShamSol acorda da dormência a dança do cálamo dos primeiros calígrafos... pudera o perito da escritura permitir-se urdidura assim tão especular —que mão essa terá guiado o seu compasso, Haroldo, que matemática ordenado ao seu céu galático o *insight* plenilunar de mil e uma tardes coruscantes?— e tal perito nos legaria acrobacias. Aliás, dou-me conta agora de que não é outra coisa o desenho daquelas letras. Mas terá o iletrado Maomé submetido a razão a tais sinuosidades ou fora tudo desígnios de Allah? O-Ele-Ah sabe mais, é verdade, mas você bem que Lhe adivinhou o caminho.

Conferi a história da camela miraculosa: o seu “que Allah fez exsurgir do rochedo” é acréscimo. No entanto, de fato, Deus a fez exsurgir do rochedo. A alusão encontro no *Tafsīr alqur'ān al'azīm*, de Ibn-Kaṭīr, morto em 774 H./1373 d.C., na página 237 do volume 4 da bela edição de Almanṣūrah (1996) —capa verde dura, letras e arabescos dourados— que despachei do Cairo, junto com Mamede, incorporando nosso lote de 120 kg de livros abraâmicos; a capa diz ainda, na disposição vertical: *alḥāfiẓ Ibn-Kaṭīr* “o guardião I-K.”, guardião da sabedoria das entrelinhas do Alcorão, que você recolhe e engasta no seu tiraz mallarmaico.

Você também está certo ao traduzir *duḥà*, no primeiro versículo, como “meio-dia de fogos coruscantes”, e não como manhã, dia, ou claridade, como já se defendeu (vide os tradutores J. Cortés, espanhol, e A. Yusuf Ali, indiano), pois a idéia de claridade (ou manhã que rompe a noite), também prevista nos comentários do mesmo Ibn-Kaṭīr e no *Almuṣḥaf almufassar*, do genial Aṭṭabārī, m. 310 H. (Cairo, 1993: 595), só é parcial; completam-na os sentidos de esplendor e grandiosidade, por oposição à escuridão das trevas. A hora dos fogos coruscantes denota bem o esplendor do astro rei, que aliás —e só menciono a título de lembrança—, no posto primício desta sura, rege os seguintes versículos em que se elencam seis das portentosas obras de Allah: lua, dia e noite, ao lado de céu, terra e alma, esta última a mais perfeita de Suas criações (por ser a única dentre elas a ter o livre-arbítrio de pender ao bem... ou ao mal, e com isso gerar o discurso de Allah?).

Os seus “o que a soube guardar” e “o que a enegrece”, valorados no contrapeso de dois “este”, são outra *zāhirização* (sensibilização) do peso oculto das palavras do Alcorão. Não basta ao racional com anunciar-lhe a medida; há que mostrar-lhe as pedras do peso: 1 ESTE + 1 ESTE + 1 TĀMŪDĪN num dos pratos da balança; e no outro 1 AQUELE + 1 NÚNCIO DO CÉU + 1 ALLAH (aqui ressalvo: se o trecho “que ALLAH fez exsurgir do rochedo” é explicitação sua de subtexto, maior compleição ainda é que conserve, em exemplar obediência ao princípio islâmico do *dīkr* [lembrança de Deus], a segunda menção do Seu nome ao optar —com acerto, proclame-se, dada a seara semântica desta sura— por “núncio do céu” onde quisera-se fosse “enviado de Allah”).

Por fim, e não por último, a repetição, em três vezes, da partícula seqüencial e conclusiva *fa-* —curta, seca e impressionantemente unívoca na referencialidade— você capta na solene e semítica (por hebraização sua pós-qohéletiana?) caracterização de Allah como “Aquele-Que-É imune a todo temor”, seguida de duas ações, dadas na construção paralelística: “fez cair sobre eles” e “arrasou-lhes a cidade”. Não conheço outra tradução dessa passagem que presentifique tão terrífica e imagetivamente a ação de Allah, que o Texto árabe, senhor de si a todo momento, reduz ao abrupto *fa-*, e que você capitula no finalzinho do seu roteiro.

Como eu ainda dizia, o último estava por vir: o seu “não mede conseqüência” confere a Allah familiaridade poucas vezes conhecida entre Seus criados (a que esfera o levou Būrāq naquela noite?). No árabe, de fato, o texto reza: “não teme as conseqüências daquelas suas ações”, mas já sabemos, não é? Quem é imune a todo temor não precisa medir conseqüências... *ṣadaqa llāhu f’azīm*.

Receba um abraço de gratidão pelo que me toca essa sua homenagem.

Michel

São Paulo, 23 de maio de 2003.

FROM: de Campos

PHONE NO.: +55 11 38653002

JORNAL DA TARDE

May. 26 2003 05:01PM P6

Meu caro Michel

Esqueci no mesmo tempo a predecedente revista purpura / honra de 700, mas a revista de apreciação de ensaios sobre o poema - Livro de bilvia - continue de parte de / de grade do / de /

LIVROS

LIVRARIA

Sábado — 31/7/93 — página 5

Por Luiz Carlos Lisboa

Revista de Estudos Árabes da USP, nº 2, EDUSP, 92 páginas. Caligrafia, provérbios, metáforas e poesia são alguns dos temas abordados na publicação. Artigos interessantes como o intitulado "Interpretações das Mil e uma Noites", de Jamil A. Haddad, são outros atrativos da revista que conta com colaboradores estrangeiros como Roshdi Rashed e produções gráficas assinadas por Mas-soudy, o principal representante da Caligrafia árabe da atualidade. A revista só é encontrada nas livrarias da EDUSP.

Manda-me aqui: 1) e Revolta ao País. Existe um artigo de exemplo da Revista de Estudos Árabes da USP, cujo 2º nº foi publicado em 97. Interessa a presença de algumas de "CA" - CALIGRAFIA

2) Currículo do Prof. MAH JAYYUS

3) Uma nova iniciativa de lançamento de Infieis

4) O Programa de Bloomington / visão

Um forte abraço do Haroldo

25.03.03